

NOTAS SÔBRE A BIONOMIA DE UMA ESPÉCIE DO GÊNERO *ALLOCOSA*

(LYCOSIDAE, ARANEAE)

(Com 1 figura)

F. A. MATTHIESEN

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras,
Rio Claro, São Paulo

SÔBRE O EXEMPLAR ADULTO

No dia 17 de abril de 1959 recebemos uma fêmea de *Allocosa* sp. em cujo dorso encontravam-se numerosos filhotes. A referida aranha (durante 7 meses) e seus filhotes (2 dêles durante 15 meses) foram observados no laboratório, o que nos permitiu obter alguns dados sôbre a bionomia dêsses animais em cativeiro.

A literatura sôbre a família *Lycosidae* nos fornece várias informações sôbre a biologia dêsse grupo mas, quanto às espécies brasileiras, segundo nos consta, pouco tem sido feito nesse sentido além das observações de BUECHERL (1952). Por essa razão decidimos apresentar aqui um resumo do que nos foi possível anotar.

MATERIAL E MÉTODOS

A aranha adulta foi coligida em Rio Claro.

Em todos os frascos utilizados para a manutenção dessas aranhas no laboratório, colocamos uma camada de terra no fundo e uma vasilha com água.

Os filhotes, após sua "emancipação", foram colocados num mesmo frasco de vidro de boca larga (de 28 cm de altura por 14 cm de diâmetro), coberto por um pedaço de pano à guisa de tampa. Separamo-los depois em cilindros de vidro individuais (de 8 cm de diâmetro por 14 cm de altura), sem cobertura alguma.

Fizemos as pesagens em balança de torção.

Ao ser trazida para o laboratório (17-4-59), apresentava o dorso quase totalmente coberto pelos filhotes ficando, porém, os olhos livres dêles. Esta observação concorda com a de FABRE (1925), o qual observou representantes do gênero *Lycosa*. BUECHERL (1952) constatou que, em aranhas do gênero *Lycosa*, também os olhos da fêmea podem ficar ocultos sob os filhotes.

MILLOT (apud GRASSÉ 1949) menciona o fato de certas aranhas utilizarem pequenos anfíbios como alimento e, o mesmo pudemos observar em *Allocosa* sp. pois, a fêmea adulta aceitou algumas pererecas durante sua permanência no laboratório. Com maior frequência, porém, aceitou insetos (himenópteros, dípteros, ortópteros, coleópteros, lepidópteros, etc.). Algumas vêzes, minhocas foram também utilizadas como alimento.

No dia 16-5-59 verificamos que o animal já trazia um novo casulo prêso às fiandeiras. Esse hábito de transportar a ooteca prêsa às fiandeiras é também citado por MILLOT (1949) e por vários outros. Os ovos encerrados nesse casulo eclodiram no dia 20-7-59. Na manhã de 25-8-59, surpreendemos a aranha a envolver com fios de teia um outro casulo (fig. 1, a e b). Com as patas o animal girava a ooteca quase sem deixá-la tocar no chão (BUECHERL, 1952), ao mesmo tempo que a envolvia com fios que se desprendiam de suas fiandeiras. Esse casulo foi abandonado pela aranha (1-10-59), sem que os ovos eclodissem.

FILHOTES

Nos primeiros dias de vida, filhotes de diversas aranhas apresentam certa "sociabi-

lidade" (MILLOR, 1949). Assim, os filhotes da ninhada nascida no laboratório (20-7-59), subiram às costas da fêmea logo após o nascimento, tendo aí permanecido agrupados, alguns durante 5 ou 6 dias e outros, até mais de 20 dias. No gênero *Lycosa*, FABRE (1925) registra uma duração de vários meses para esse período de permanência no dorso da mãe. Em outras aranhas, BUECHERL (1952) registrou um período de tempo semelhante ao que constatamos em *Allocosa* sp.

Nas 2 ninhadas que observamos, pudemos constatar que, após a "emancipação", os filhotes apresentam acentuado geotropismo negativo, o que segundo SAVORY (1928) e MILLOR (1949), ocorre em diversas espécies de aranhas. Colocados num frasco de vidro (de 28 cm de altura por 14 cm de diâmetro), su-

esta foi trazida ao laboratório. Tais observações foram feitas a partir de 27-7-59, contando os filhotes aproximadamente 3,5 meses de idade nessa ocasião. As ecdises observadas nos 2 indivíduos ocorreram nos dias:

A	B
31- 8-59	15- 9-59
15- 9-59	23-10-59
2-10-59	4- 1-60
23-10-59	15- 2-60
10-11-59	17- 3-60
18- 1-60	3- 5-60
26- 2-60	27- 6-60

Aos 3,5 meses de idade (27-7-59), *A* media 6 mm de comprimento. *B* era acentuadamente menor.

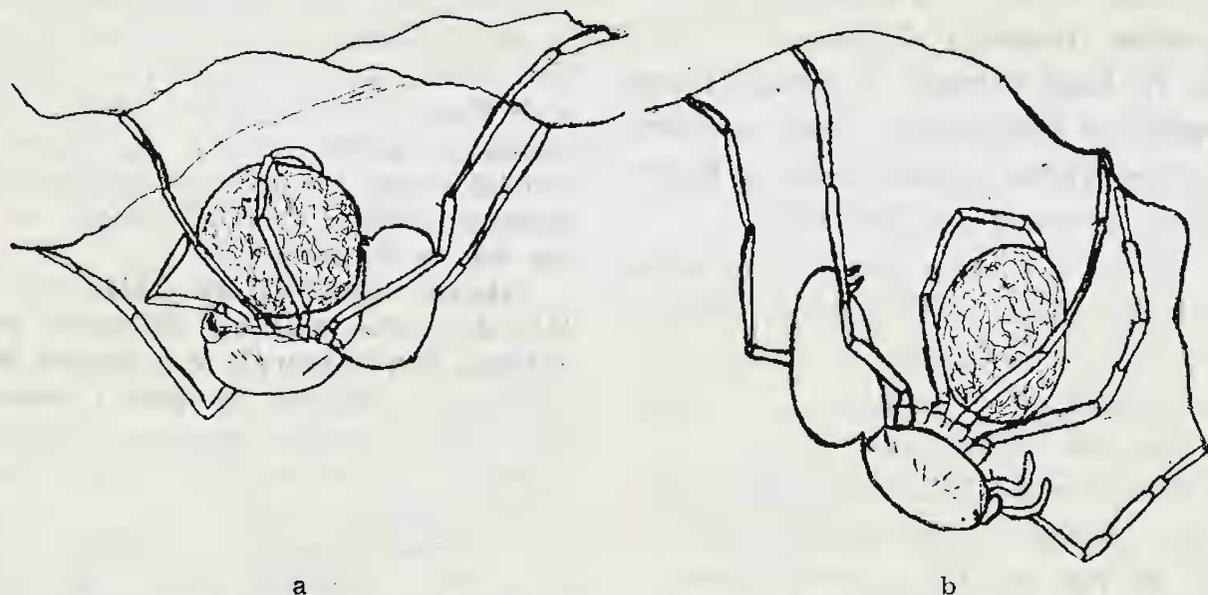


Fig. 1 — a e b — Duas posições apresentadas por uma *Allocosa* sp. durante a confecção de sua coteca

biram logo pelas paredes do frasco. Passaram então muitos dias suspensos a estes fios, tendo utilizado como alimento, drosófilas que se enroscavam na teia. Vários indivíduos passaram pela muda de pele suspensos aos fios.

Após abandonarem suas teias, os filhotes passaram a viver sobre o fundo do frasco. Em exemplares de mais de 3 meses de idade, (separados em frascos individuais) vimos que cada indivíduo construía antes de passar pela ecdise, um pequeno "túnel" de teia dentro do qual permanecia prêsso ao teto, abandonando aí sua pele.

Damos abaixo algumas notas sobre dois indivíduos (*A* e *B*) que faziam parte da ninhada que veio com a fêmea adulta quando

No dia 2-10-59 *A* atingia 11 mm de comprimento. Seu abdômen media 3,5 mm de largura na região mais desenvolvida. Com as patas distendidas ocupava uma área de 900 mm². As patas posteriores (4.º par) eram nitidamente mais longas que as outras. O animal já manifestava sua agressividade quando perturbado. Quanto à alimentação observamos que esse indivíduo chegava às vezes a gastar até 24 h para sugar uma única presa.

O indivíduo *B*, no dia 23-10-59 media 9 mm de comprimento. Seu abdômen media 3 mm de larg. 3 mm na região mais desenvolvida. Pesava 87 mg. No mesmo dia, após receber abundante alimentação, *A* pesou 353 mg.

No dia 25-6-60 *A* atingia 28 mm de comprimento e *B* 24 mm. O pêso de *A* atingia 2.621 mg, enquanto o de *B* era 1.906 mg.

RESUMO

As observações aqui apresentadas foram obtidas da manutenção em cativeiro de uma fêmea de *Allocosa* sp. (durante 7 meses) e de seus filhotes, 2 dos quais foram observados durante 15 meses.

Em resumo podemos dizer que:

1 — Decorridos 65 dias após uma das posturas, ocorreu a eclosão dos ovos.

2 — O período de tempo entre 2 posturas observadas foi de 101 dias.

3 — Alguns filhotes permaneceram sobre o dorso da fêmea durante 5 dias. Outros da mesma ninhada, só abandonaram a mãe após mais de 20 dias.

4 — A 1.^o ecdise após a “emancipação” dos filhotes, ocorreu quando êstes ainda se encontravam sobre fios de teia por êles fabricados.

5 — Após mais ou menos 3 meses de idade, os filhotes já haviam abandonado suas teias. Nestas condições, pouco antes de cada indivíduo passar por uma ecdise, êle construía um pequeno “túnel” de teia no fundo do frasco e, sob o teto dêsse “túnel” abandonava então a pele.

6 — Entre 3,5 meses e 14,5 meses o tempo mínimo entre uma e outra ecdises, para um jovem exemplar (*A*), foi de 15 dias e, o tempo máximo foi de 69 dias. Para um outro exemplar (*B*), da mesma ninhada, o tempo

mínimo foi 31 dias e o máximo 73. Nesse período (de 3,5 a 14,5 meses) ambos (*A* e *B*) sofreram 7 ecdises.

7 — O comprimento do jovem exemplar *A*, no mesmo período acima citado, aumentou de 22 mm. O exemplar *B* da mesma ninhada, entre 6,5 e 11,5 meses aumentou de 15 mm seu comprimento.

8 — Aos 14,5 meses o indivíduo *A* pesava 2.621 mg, isto é, 815 mg mais do que seu irmão *B*.

Agradecimento — Agradecemos ao Prof. Dr. SALVADOR DE TOLEDO PIZA Jr., da Escola Superior de Agricultura “LUIZ DE QUEIROZ”, de Piracicaba, pela determinação do gênero ao qual pertencem as aranhas sobre as quais elaboramos estas notas.

BIBLIOGRAFIA

BUECHERL, W.

1952 — Aranhas do Rio Grande do Sul. *Mem. Inst. Butantan*, 24:127-155.

FABRE, J.H.

1925 — *Souvenirs Entomologiques*. Paris, Delagrave, 398 p.

MILLOT, J.

1949 — *Ordre des Aranéides*. *Traité de Zoologie*, Tomo 6; 589-743.

SAVORY, T.H.

1928 — *The biology of Spiders*. 376 p. 121 fig. 16 pl. Sidgwick & Jackson. Ltd., London.